

DIVULGAÇÃO

## ARTIGO

Entre médicos e algoritmos,  
quem responde quando a IA  
age de maneira errada? » 2



## CULTURA

Eduardo Srur provoca  
novos olhares sobre a  
arte e o meio ambiente » 4



DIVULGAÇÃO

# Eleições 2026: matemática dos votos define a eleição

Como a regra dos 10%, os puxadores de voto e o quociente eleitoral moldam o destino dos representantes do Espírito Santo nos níveis estadual e federal » 3

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE





ARON HUSSID FERREIRA

# Quem vamos culpar quando a IA errar?

Os sistemas de inteligência artificial já fazem parte da realidade de milhões de brasileiros. Em hospitais, organizam filas, fazem triagem, apontam alterações em exames de imagem, transcrevem consultas e auxiliam a decisão clínica. Afinal, vamos confiar num sistema que promete acurácia ou num médico cansado, que precisa olhar uma radiografia de tórax às 3h da manhã e decidir se aquela tosse é um simples resfriado, uma pneumonia ou até um câncer de pulmão?

Mas e quando falham? Quem vamos culpar quando a I.A. definir um nódulo como benigno e meses depois o paciente retornar com um câncer metastático, sem possibilidade de cura? O médico, que confiou no laudo? A instituição que adotou o sistema? A empresa que o vende? Ou o programador que criou a lógica a partir de dados falhos?

A legislação brasileira ainda é falha a respeito do tema. Na

área médica, o Conselho Federal de Medicina liberou uma resolução no início deste ano normatizando o uso da I.A. na medicina, deixando a responsabilidade final sobre o médico. Faz sentido, porque a decisão clínica precisa de alguém que a assuma.

O human-in-the-loop, ou seja, manter um humano ativo na decisão, ainda é o preferido pelos mais cautelosos. O sistema processa, calcula, recomen-

da, mas a palavra final fica sempre com uma pessoa, que pode confirmar ou descartar. O problema é o viés de automação. Diante de um sistema que acerta muito, o humano tende a aceitar sem questionar. É algo parecido com um segurança fazendo revista na entrada de um estádio e, depois de centenas de revistas negativas, começa a deixar os torcedores entrarem de forma desleixada.

Nem as empresas por trás dos

principais modelos entendem o passo a passo de como seus sistemas chegam àquelas decisões. Exigir que um radiologista audite linha por linha um modelo de aprendizado profundo seria o mesmo que pedir para ele desmontar e remontar um tomógrafo antes de cada laudo.

Precisamos de um meio-termo entre proibir a tecnologia e usá-la sem freio. Na Europa, as I.As médicas são regulamentadas como produto de alto risco. O Bra-

sil precisa de regras parecidas, discutidas e desenhadas por profissionais de diversas áreas.

O algoritmo deve ser tratado como um estudante de medicina brilhante, mas apressado: ele ajuda muito, às vezes falha, e nunca substitui o médico experiente que conhece o paciente como pessoa. Quando a máquina falha, quem recebe a conta é gente de carne e osso. Já passou da hora de decidir quem mais deveria recebê-la.

## Publicação Legal é aqui

 <https://eshoje.com.br/noticias/publicacao-legal/>  
**Impresso e digital diários**

**Contato:**

**bianca@eshoje.com.br/  
27 99744-6251**

 **ESHOJE**  
**ANJ** ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

 **ESHOJE**  
**ANJ** ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

**TIRAGEM:** Publicação digital e impressa  
**CIRCULAÇÃO:** Grande Vitória e digital  
**PERIODICIDADE:** Diários

Rua Carlos Lindenberg, 40.  
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110  
Tel. 27 2180-0678  
[www.eshoje.com.br](http://www.eshoje.com.br)  
[redacao@eshoje.com.br](mailto:redacao@eshoje.com.br)

**DIRETOR GERAL**  
Carlos Roberto Coutinho  
[carlos@eshoje.com.br](mailto:carlos@eshoje.com.br)

**DIRETORA ADMINISTRATIVA**  
Bianca Coutinho  
[bianca@eshoje.com.br](mailto:bianca@eshoje.com.br)

**DIRETORA DE REDAÇÃO**  
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP  
[daniehcourtinho@eshoje.com.br](mailto:daniehcourtinho@eshoje.com.br)

**PROJETO GRÁFICO**  
Renon Pena de Sá  
[www.ellaform.com.br](http://www.ellaform.com.br)

**FOTOGRAFIAS**  
Arquivo  
[redacao@eshoje.com.br](mailto:redacao@eshoje.com.br)

**DIAGRAMAÇÃO**  
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

**REDAÇÃO**  
Carolina Bouri  
Eduardo Alencar  
Esthefany Mesquita  
Giulia Reis  
Karla Silveira  
Mariana Cicilioti  
PH Caetano  
Pedro Rocha

**SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:**

 /eshoje  
 @eshoje  
 eshoje  
 eshoje



# O xadrez proporcional das cadeiras capixabas

Regras e novas federações acirram a disputa pelas 40 vagas no Legislativo estadual e federal

DANIELEH COUTINHO  
jornalismo@eshoje.com.br

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE

O eleitor capixaba que for às urnas em 4 de outubro – primeiro turno das eleições 2026 – precisará olhar além dos rostos nos santinhos. No Espírito Santo, a disputa pelas 10 vagas na Câmara dos Deputados mobiliza 135 candidatos distribuídos por 19 partidos. Já para a Assembleia Legislativa (Ales), 21 siglas registraram 407 nomes para ocupar as 30 cadeiras disponíveis. À primeira vista, parece uma escolha individual, mas a corrida proporcional é um complexo xadrez coletivo onde cada voto de legenda reorganiza todo o tabuleiro.

Os números consideram os pedidos de registro apresentados à Justiça Eleitoral e ainda podem sofrer alterações durante a análise das candidaturas. Cabe ao Tribunal Regional Eleitoral do Espírito Santo (TRE-ES) julgar os registros dos candidatos a deputado federal e estadual, que podem ser deferidos ou indeferidos.

A disputa deste ano é diretamente impactada pela Lei 14.211/2021. A alteração limitou o teto de candidaturas por partido a 100% mais um do total de vagas — ou seja, no ES, o limite passou a ser de 31 candidatos para deputado estadual e 11 para federal. O funil, que já havia encolhido nominatas em 2022, ficou ainda mais estreito com a consolidação de novas federações partidárias.

Diante desse cenário, apenas duas siglas conseguiram atingir o teto máximo e lançar chapas completas nas duas frentes no Estado: o Partido Socialista Brasileiro (PSB) e o Partido Liberal (PL), somando 42 candidaturas cada. Outras forças políticas chegaram perto de preencher as vagas. O Podemos somou 30 nomes para a Ales e 11 para Brasília. As coligações permanentes também testam sua força: a União Progressista (UPB, unindo União Brasil e PP)

## NÚMEROS

135

é o número de candidatos a uma das 10 vagas na Câmara Federal

407

nomes concorrem a uma vaga na Assembleia Legislativa

21

partidos participam do pleito



Mais que escolher os candidatos a deputado estadual e federal, o eleitor deve atentar para quem o escolhido pode levar com ele

## ENTENDA

### A engenharia das chapas

- **CHAPAS** completas em ambas as disputas: PSB e PL (42 candidaturas cada)
- **QUASE** completas (Ales e Câmara): Podemos (30 e 11), UPB (28 e 11) e Brasil da Esperança (28 e 11)
- **COMPLETAS** apenas para a Ales: Democracia Cristã (DC), Agir e MDB
- **COMPLETA** apenas para a Câmara: Republicanos (que lançou 19 para a Ales) e Avante
- **OUTROS** destaques: Novo (28 estaduais e 10 federais); Democrata (27 estaduais e 2 federais); PDT e a Federação PSDB/Cidadania (24 estaduais cada e nenhum federal); Federação PSOL/Rede (21 estaduais e 6 federais); Federação Renovação Solidária (14 estaduais e 7 federais); PSD (9 federais); Missão (3 estaduais e 10 federais); UP (2 federais).

# A força do voto e o poder de eleger

**ENTENDER COMO** essas nominatas se traduzem em cadeiras é fundamental para exercer a cidadania. No sistema proporcional, o voto do eleitor não é apenas pessoal: ele vai para o "balde" da legenda ou da federação. O mesmo acontece com o chamado voto de legenda, quando o eleitor digita apenas os dois números do partido, sem escolher um candidato específico. Esse voto entra na soma da legenda ou federação para a distribuição das cadeiras.

Primeiro, calcula-se o Quociente Eleitoral (QE), dividindo os votos válidos pelas vagas disponíveis. Em 2022, o QE no ES foi de 69.242 votos para estadual e 208.443 para federal. Apenas os partidos que atingem essa marca conquistam vagas diretas, distribuídas pelo Quociente Partidário.

É aqui que entram os "puxadores de voto": candidatos com apelo popular gigante que enchem o balde do partido, ajudando a eleger colegas de chapa que tiveram votações menores. Contudo, existe uma trava moral importante na lei atual: para ser eleito, o candidato precisa ter, individualmente, no mínimo 10% do Quociente Eleitoral. Tomando como referência os números de 2022, esse piso corresponderia a cerca de 6,9 mil votos para deputado estadual e 20,8 mil para deputado federal. Não basta o partido ir bem; o político precisa ter densidade própria.

Depois da distribuição inicial das cadeiras pelo Quociente Partidário, entram em cena as chamadas sobras eleitorais. Na primeira etapa dessa distribuição, podem concorrer partidos ou federações



Um candidato bem votado pode levar outro ao poder

que tenham alcançado pelo menos 80% do Quociente Eleitoral e candidatos que tenham obtido votação individual mínima equiva-

lente a 20% do QE. Se ainda restarem cadeiras depois dessa rodada, elas são distribuídas pelas maiores médias entre todos os partidos e federações participantes, conforme as regras aplicáveis ao pleito.

Votar nulo, abster-se ou votar no candidato sem olhar a sigla é entregar o destino do Estado ao acaso. Os votos brancos e nulos não entram no cálculo do Quociente Eleitoral. Já o voto dado a um candidato também é contabilizado para o partido ou federação ao qual ele pertence. As sobras partidárias e a composição final da Assembleia e da bancada capixaba em Brasília dependem direto nas urnas. O eleitor precisa ter consciência de que o seu voto constrói a maioria parlamentar que aprovará leis, orçamentos e fiscalizará o Poder Executivo nos próximos quatro anos.



# Eduardo Srur traz arte e crítica ambiental ao Estado

Paulista lança livro sobre três décadas de carreira e instala escultura marcante em Vitória

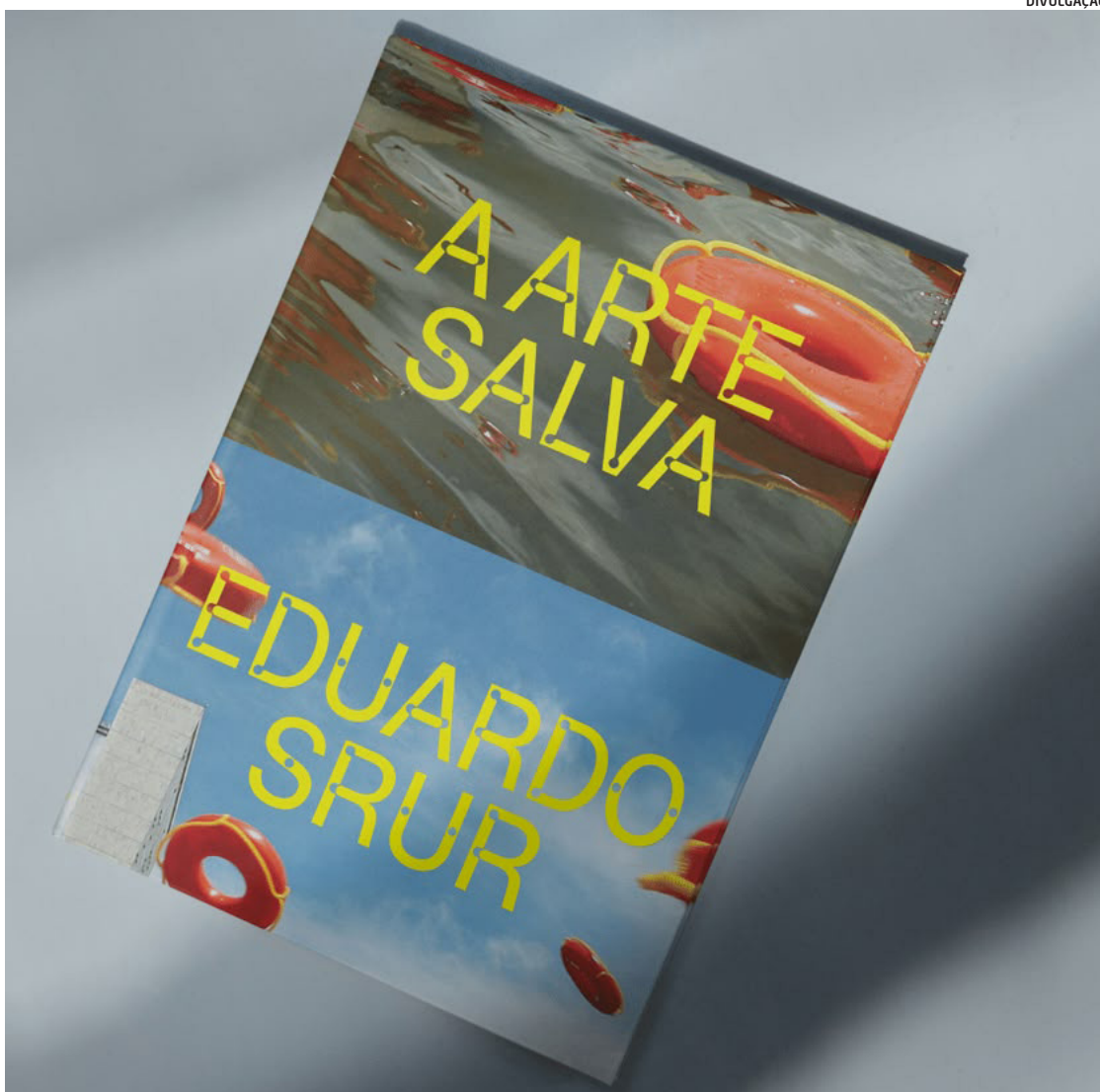
**REDAÇÃO MULTIMÍDIA**  
jornalismo@eshoje.com.br

**U**ma figura humana, de quase 100 quilos e dois metros de altura, parece prestes a saltar de uma prancha instalada no entorno do espaço Arte Habita, na capital capixaba. Trata-se de “O Trampolim”, obra emblemática do artista visual paulista Eduardo Srur e também o impactante cartão de visitas de sua passagem por Vitória. No dia 18 de agosto, às 18h30, Srur esteve presente no ambiente da CASACOR Espírito Santo — projetado pelo escritório Fontoura Grasselli em parceria com a galeria Matias Brotas Arte Contemporânea — para lançar o livro “A arte salva”, acompanhado de concorrida sessão de autógrafos.

Reconhecido como um dos nomes de maior destaque e projeção das artes visuais contemporâneas no Brasil, Eduardo Srur construiu sua consistente trajetória a partir de intervenções urbanas de grande porte que ocupam rios, pontes e vias públicas para provocar debates urgentes sobre contaminação, consumo desmedido e degradação ambiental. Ao tirar a reflexão estética dos recintos fechados dos museus e inseri-la diretamente na paisagem cotidiana da cidade, o artista alcança uma



“Existem dois caminhos em que é possível tocar o espírito da liberdade: a arte e a natureza”



**Destaques das artes visuais contemporâneas, Srur esteve na CASACOR-ES para lançar seu livro**

vasta parcela da população que não costuma frequentar galerias tradicionais — transformando o olhar e a reação espontânea do pedestre em parte integrante da própria criação.

A escultura “O Trampolim” nasceu exatamente dessa premissa conceitual: a obra remete a uma famosa intervenção urbana realizada por Srur no ano de 2014 sobre as pontes do Rio Pinheiros, em São Paulo, na qual manequins posicionados como nadadores chamavam a atenção do público para a impossibilidade biológica de mergulhar em águas poluídas. A instalação reencontra agora, no litoral de Vitória, esse mesmo efeito de estranhamento visual, despertando a curiosidade e o engajamento dos capixabas antes mesmo do contato com seu histórico.

O engajamento ecológico atravessa outros marcos da carreira do artista, como os projetos “Caiaques” (2006), as garrafas PET gigantes instaladas nas margens do Rio Tietê (2008) e a intervenção “Pinta-

do” (2019) — propostas que convertem mazelas urbanas naturalizadas em imagens de altíssimo impacto simbólico. Em Vitória, Srur celebra uma obra já incorporada à cena local e lança um catálogo que

sintetiza 30 anos de percurso. A partir desse diálogo entre o livro e a escultura, o artista analisa sua estada em solo capixaba e reafirma o papel transformador do meio ambiente em sua produção.



**Escultura “O Trampolim”, do artista paulista Eduardo Srur**

**ES Hoje: O que representa lançar A arte salva em Vitória?**

**Eduardo Srur:** Aproximar a arte do maior número possível de pessoas é um objetivo central da minha produção artística. O livro apresenta 30 anos de uma trajetória marcada por intervenções e ações no espaço público, que agora poderão ser conhecidas mais de perto no Espírito Santo. Para mim, esse lançamento representa a chegada a um novo território, a aproximação com um novo público e também a abertura de um novo mercado.

**Como arte e meio ambiente se encontraram em sua trajetória?**

Meu ateliê fica em frente ao rio Pinheiros, um dos rios mais poluídos do Brasil. A convivência diária com essa paisagem e o incômodo provocado por ela deram origem a diversas obras críticas sobre a degradação ambiental e os impactos da ação humana no nosso tempo.

**Que reflexão O Trampolim pretende provocar?**

O Trampolim provoca o público a olhar para cima, a erguer a cabeça e a perceber a cidade de outra maneira. A obra foi instalada nas pontes que cruzam o rio Pinheiros, em São Paulo, e gerou situações inusitadas: muitas pessoas acreditavam estar vendo indivíduos prestes a saltar no rio poluído. A Polícia Militar recebeu mais de 300 chamados de emergência e precisou orientar seus agentes a explicar que se tratava de uma obra de arte. Os personagens contemplavam, de forma melancólica, uma paisagem urbana profundamente transformada pela ação humana.

**Qual é o papel da arte diante da crise ambiental?**

Para mim, existem dois campos nos quais ainda é possível tocar o espírito da liberdade: a arte e a natureza. Meu trabalho funciona como um alerta. A humanidade precisa se reconectar urgentemente com a natureza e com o sagrado.

“Aproximar a arte do maior número possível de pessoas é o objetivo central da minha produção artística”